

Cristina Tavares da Costa Rocha e Lindamir Salete Casagrande

entrevistam¹

Cláudia Ribeiro

Cláudia Ribeiro esteve visitando a UTFPR nos dias 18 e 19 de maio de 2007, convidada pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), e, mais especificamente, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia (GeTec), para ministrar palestra nos habituais Seminários de Pesquisa do Programa de Mestrado. O título de sua palestra foi: *“Sexualidades e infâncias – ressignificando conceitos e processos: possibilidades para problematizações”*.

Além dessa atividade, Cláudia participou de uma outra atividade, também primordial e importante: que foi proferir palestra na abertura do curso que é resultado do projeto *“Refletindo gênero na escola: a importância de repensar conceitos e preconceitos”*, projeto este que objetivou sensibilizar profissionais da educação da Rede Municipal de Ensino de Matinhos-PR, Brasil, para atuarem visando à equidade de gênero e diversidade sexual no ensino fundamental.

Além de falar sobre sua vida pessoal e profissional, Cláudia Ribeiro conversa sobre situações potenciais do referido projeto do GeTec, a partir de sua vivência e seus olhares na trajetória da docência na área de gênero e diversidade sexual, principalmente no ambiente escolar.

Cláudia é uma dessas pessoas raras, que vale a pena conhecer. Sempre com um sorriso no olhar e nos lábios, contagia as pessoas que estão a sua volta com sua alegria, espontaneidade e generosidade. Tanto em Curitiba, quanto em Matinhos, e, finalmente, em sua viagem de retorno do litoral paranaense à Curitiba via Morretes, com a utilização do trem pela Serra da Graciosa num dia chuvoso, em companhia de Lindamir Casagrande, a incansável e surpreendente Cláudia cativou quantos estivessem ao seu redor. Muito alegre, extrovertida, espontânea e falante, seu rosto iluminado com seus olhos e lábios risonhos qualquer que fosse a situação² de “falas, escutas e respostas”, principalmente ao pegar no violão e comandar a platéia que lotava o salão onde se dava a aula inaugural sob sua responsabilidade. Cláudia voltou a Matinhos no dia 04 de outubro deste mesmo ano, quando do encerramento do referido curso, ocasião em que proferiu a palestra intitulada *“Agitando conceitos...!? Celebrando gêneros, sexualidades e diversidades”*.

Atualmente Cláudia Ribeiro é professora adjunta do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Lavras. É graduada em Pedagogia, pela

foram fundamentais nas minhas pesquisas. Fiz entrevistas individuais, mas também trabalhei com a turma toda num processo de intervenção, para que as crianças pudessem falar coletivamente, subsidiada na teoria de Vigotsky, que fala na dinâmica interativa. Em síntese, o que eu falo é que desperta em você um “falar” também. E nessa dinâmica interativa os conhecimentos vão se construindo e se constituindo.

De que ano é sua pesquisa e com quantas classes Você trabalhou? Qual a faixa etária das crianças?

Cláudia: Minha pesquisa é de 1992 e foi desenvolvida no interior de Minas; uma cidade pequena de 50 mil habitantes. A faixa etária das crianças abrangia de 4 até 11 anos de idade. Ao trabalhar com estas crianças, elas diziam coisas interessantíssimas. Numa das turmas de 4.^a série, as crianças foram a fundo na música *De umbigo a umbiguinho*. O refrão diz: *De umbigo a umbiguinho, um elo sem fim, num cordãozinho da mamãe pra mim...* É lindo! A música é maravilhosa! Ao desenhar como imaginavam que o bebê se alimentava na barriga da mãe as crianças começaram a questionar por que o Toquinho teria escrito essa letra de música. Elas, na 4.^a série, foram aprofundando esse estudo sobre como realmente isso acontece e algumas foram tendo condições intelectuais para entender isso. Eu conto isto no meu livro. As crianças escreveram uma carta para o Toquinho, perguntando todas as suas dúvidas; me dispus a entregar este material a ele. Consegui me encontrar com Toquinho num show que ele fez. Ele me recebeu e nós conversamos sobre essas coisas todas. Ele respondeu em entrevista as questões das crianças e eu filmei. Passei para as crianças e elas ficaram nessa interlocução. No momento da entrevista, sugeri que Toquinho regravasse as músicas do *long-play* em CD. Por isso que surgiu o CD *Direitos das Crianças*. Ele achava que esse disco tinha caído no esquecimento, porque naquela época, havia Sérgio Malandro, Mara Maravilha e Xuxa, o que mercadologicamente era muito mais atraente. Mas, o que aconteceu? As belíssimas músicas permaneceram. Hoje, as professoras utilizam o CD pelo Brasil afora, porque é um material de qualidade e sensibilidade. Toquinho me autorizou a divulgar a entrevista tanto na dissertação de Mestrado quanto no livro *A fala da criança*. O título da entrevista é: “Eu plantei a semente e vocês me dão o fruto.” Ele ficou enlouquecido com os desenhos das crianças, feitos depois delas escutarem suas músicas e das intervenções que eu fazia nas 5 turmas escolhidas para tal.

Veja estes desenhos⁵: são uma “festa”! Até um cordão em forma de elo a criança desenha! Portanto, a partir da música, houve a possibilidade de discutir com as crianças uma idéia, uma crença espontânea e, em seguida, como tudo realmente acontece, mas de uma forma lúdica, prazerosa, não invasiva. Toda essa produção das crianças foi mostrada para o Toquinho e ele adorou o que viu. Assim, ele assumiu gravar novamente, em CD, o LP *Canção de Todas as Crianças*. Então, ele convidou dez outros cantores e cantoras, tais como Quarteto em Cy, MPB-4, Educarado Dusek, Elba Ramalho, Chico Buarque, Moraes Moreira, Coral Brasileiro, Belchior, Leandro & Leonardo para

gravarem junto com ele o CD. Mas depois, retomou o original e lançou outro CD: *Canção de Todas as Crianças*. A partir do Mestrado, tenho me debruçado muito sobre essa questão: que histórias? Que músicas? Que poesias? Que *outdoors*? Que revistas? Que tenham algo que apresentamos para as crianças, para que elas possam se expressar e para que possamos problematizar com elas gênero e sexualidade.

Tempos depois, ingressei no doutorado justamente para discutir a sexualidade como tema transversal. Também no GEISH, com orientação da Profa. Ana Maria Faccioli de Camargo.

Na sua pesquisa, Você envolveu as professoras também? A partir do constrangimento que a temática da sexualidade ainda causa e dos resultados do seu trabalho, qual se sobressaiu: “o dito, o explícito [ou] o oculto” nas falas das crianças?

Cláudia: Sim, envolvi as professoras também. O combinado era que a professora tinha que estar junto na sala de aula, porque ao problematizar as músicas, as histórias, teríamos situações em que as crianças conversavam algo, mas depois elas iam conversar outras coisas, no dia-a-dia. E não foi tranqüilo, não. Algumas professoras rejeitavam, não queriam saber dessa temática. Porque, de novo, há essa idéia que até hoje, algumas vezes, persiste, isto é, que falar de sexualidade é falar de sexo, é falar de algo imoral, é induzir a que façam isso. Um monte de mitos. Mas também há muita contradição. Tem muitas pessoas que já estão trabalhando esta temática e que enfrentam o cotidiano das escolas, procurando, enfim, superar algumas tentativas de impedir tais ações. Mas, desde essa época o que favoreceu a realização desse trabalho? Primeiro, muita leitura e muito argumento, além das próprias crianças que respondem de uma forma! Elas adoram falar e discutir. Portanto, se o tema é desencadeado com naturalidade é o explícito que vigora! Por exemplo, estávamos falando do bebê na barriga da mãe: não tem uma criança que não se sensibiliza; que não ache que é maravilhoso pensar que há um bebê lá dentro e compartilhar isso. Veja esse desenho aqui⁶. Uma criança com 10 anos de idade desenhou a mãe sem pele, para mostrar a corrente sanguínea, a placenta e como está acontecendo a alimentação do bebê.

Em Minas Gerais, nessa época da pesquisa para o Mestrado, os chamados aparelhos e sistemas do corpo eram componentes curriculares. A professora explicitamente dizia: “Deixo por último, porque se não der tempo, ótimo. Não posso ser responsabilizada, mas sim, o tempo”. Na nossa experiência, quando se pergunta à criança por onde ela quer começar a estudar os sistemas do corpo, ela quer começar pelas questões da sexualidade aqui tratadas. E aconteceu isso com a professora dessa turma. Ela deu um espaço enorme para eu realizar a pesquisa; ela já trabalhava com as crianças anteriormente e tinha experiências interessantíssimas numa escola que tem abertura para todo tipo de discussão. Porém numa outra turma de 4ª. série havia uma professora que não queria participar e que nunca tinha permitido que se falasse em sexo na sala. Ela não queria em hipótese nenhuma ficar na sala. Eu

lhe disse que a presença dela na sala seria condição para a realização da pesquisa e ela ficou. Quando as atividades começaram, comentou: “Mas, falar de sexualidade é isso?” Então, em síntese, há todo o imaginário na nossa cultura do que é proibido. Há uma hora em que tem que ter coragem. No livro que a Guacira⁷ é organizadora, Débora Britzman fala da coragem política. Nós, Vocês e tantos Grupos de Estudos e Pesquisas na temática de Gênero e Sexualidade, pelo Brasil afora, exercem esta coragem!

Em Lavras, justamente no dia de hoje, Dia Nacional do Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, a equipe que trabalha comigo vai ambientar, na praça pública, três tendas de praia, que são fáceis de montar: uma contendo a construção histórica da sexualidade; outra com os temas da sexualidade; e outra com as temáticas dos direitos. As pessoas vão passar por essas tendas. Em seguida, estaremos disponibilizando-as para o Programa de Saúde da Família (PSF), para os bairros e para as cidades que são parceiras nossas no Projeto Construindo Práticas a Partir dos Compromissos com a Defesa dos Direitos Sexuais na Infância e Adolescência no Combate ao Abuso e Exploração Sexual. A sensação que tenho é que quando a professora penetra numa tenda dessas, ela sai respirando fundo e muitas já disseram: “Meu Deus, quanta ignorância minha!” Mas ignorância nesse sentido: o que eu desconheço! É importante mostrar e escutar as ansiedades das pessoas; mas escutar as alegrias também. Porque tem muita gente fazendo já muita coisa. Não dá para pensarmos com a “bendita” dicotomia das teorias tradicionais que binariza: não dá para não fazer nada ou fazer tudo. Assim, navegar entre as fronteiras é o nosso desafio também metodologicamente. Foi por isso que, hoje na palestra, a tônica foi a de rever concepções. E, ao revê-las, repensar também as metodologias. Não dá para não usar jogos, músicas, histórias, porque as crianças vão falar da sexualidade até sem saber que elas estão falando desse tema. Mas, a educadora tem que ter a intencionalidade. A educadora tem que saber que é direito da criança desencadear essa temática. Por exemplo, numa turma, um menino tem 13 anos (a mesma música *De umbigo a umbiguinho* que aquela menina representou daquela forma, já trazendo a idéia da placenta e tudo mais) ele diz que o pênis está ligado no espermatozóide da mãe. Por que ele diz isso? Porque pode ser a primeira vez que ele escuta a palavra pênis, a primeira vez que ele escuta a palavra espermatozóide. Em um dos desenhos a criança liga o umbigo ao pênis. O que falta é a oportunidade de discutir as questões do próprio corpo. É importante saber que é pênis? É importante saber que ele tem um pênis e que pode chamar do nome que for, mas é importante, sim, crianças e adolescentes terem o espaço para discutir estas questões. Porque, ao elaborar o conhecimento científico, crianças e adolescentes discutem o conhecimento social, fazem reflexões, falam de direitos e deveres.

Esta professora, que antes era refratária, esteve presente e foi observando o desenrolar das atividades. E aconteceram situações muito interessantes. Por exemplo, era uma turma mista de 42 crianças. Era uma carteira atrás da outra; os peitinhos e os bumbuns das meninas se desenvolvendo. Antes de eu chegar na sala, a professora disse: “Nossa, não agüento mais! Os meninos apertam os peitinhos das meninas e dizem:

'moranguinhos, cerejinhas e pudinzinhos'. Ficam fazendo este tipo de brincadeira. É por isso que não pode falar desse assunto, etc". Porém, na medida em que fomos desenvolvendo o trabalho, esta situação foi parando. Discutimos a letra da música *Cada um é como é* que possibilitou que mapeássemos o corpinho das crianças; criar personagens; que pudéssemos além de marcar os genitais, marcar também os sentimentos. Onde as crianças sentem vergonha? Onde as mulheres sentem vergonha? Vergonha na vagina. Vergonha na cara. Vergonha no peitinho. O menino sente vergonha também no seu pênis. Discutimos todas essas situações. Mas não só vergonha. Alegria, coragem, dúvida, mágoa, igualmente. Portanto, foi falando sobre os corpos e seus sentimentos que parou o tal do apertar bumbuns e peitinhos e tudo mais.

Se não atuamos, a escola continua reproduzindo essa sexualidade banalizada. Essa coisa do homem agredir a mulher. Essas violências que são simbólicas. E verbais também. Ainda hoje lidamos direto com estas questões. Neste processo das atividades para fazer emergir a fala das crianças, utilizamos metodologia participativa. Então, no processo das intervenções para a pesquisa, tiramos uma carteira atrás da outra. Eu tocava violão com as crianças, cantava, todos e todas sentadas no chão. Uns dois ou três desses meninos disseram para a professora da classe que queriam transar comigo. Ela me disse: "Viu, já disse que não se pode trabalhar com esse assunto porque olha o que você está despertando neles!" Mas foi uma situação tão interessante, porque ela queria me proibir de ter contato com os meninos. Geralmente eu ia para a academia de ginástica; em seguida, chegava em casa, tomava banho e ia para a escola fazer a pesquisa com o cabelo meio molhado. Ela dizia: "Claro, você chega com o cabelo molhado! É isso que está despertando o tesão nos meninos." Tive que ter uma boa conversa com a professora; ela me disse: "Vou chamar esses meninos e dizer que eles vão ser suspensos da aula. Isso não é coisa que se fale para uma adulta." Respondi: "Quem vai resolver isso sou eu!" Reiniciei as atividades utilizando uma outra técnica. Trabalhei separando as crianças em grupos. Sentei com eles. Perguntei o que era transar, enquanto o outro grupo fazia uma outra atividade. A conversa girou em torno de várias temáticas e... eu continuei a desenvolver a pesquisa naquela turma.

Terminei, então, o trabalho naquela escola e finalizei o Mestrado. Mas... bendita a hora em que essa mulher falou do tal do cabelo molhado. Essa fala foi ficando comigo; fiquei com essa história da água na minha cabeça. Então, comecei o doutorado apresentando o Projeto que visava discutir a sexualidade como tema transversal. Projeto que abandonei e, neste meio de tempo, houve um convite da Ed. Moderna para que escrevêssemos sobre a sexualidade como tema transversal. Na capa do livro era para ter uma interrogação, porque a sexualidade como tema transversal é uma boa pergunta. Mas a Ed. Moderna não quis pôr a interrogação⁸. Está sendo dito nos parâmetros curriculares que o professor e a professora têm que ter tranquilidade, têm que refletir sobre o assunto, mas não é tão simples assim. Se não tem essa interrogação, esse aprofundamento das temáticas e o acompanhamento continuado das equipes, as dificuldades são grandes na implementação dos projetos. Assim, entrei no programa de doutorado para problematizar este tema, tanto é que fui em busca de relatórios de profissionais com os quais eu tinha algum contato. Eles iam me

disponibilizando seus trabalhos e eu ia pensando sobre os mesmos.

Mas eu já estava com outra idéia para o meu Doutorado: queria discutir o imaginário das águas, porque eu achava que essa história da água e do cabelo molhado tinha tudo a ver com a sexualidade. Pensei: de onde essa mulher tirou essa correlação? Isso foi só um detonador para as minhas reflexões; no Doutorado, então, discuti o imaginário das águas e a sexualidade das crianças. A água é cúmplice de descobertas: no nadar, na descoberta das férias a beira-mar, nos banhos romanos, e hoje, nos clubes, na praia. Enfim, busquei filmes em que a metáfora da água era muito presente. Porém, filmes em que havia personagens infantis; e discuti a sexualidade da criança a partir desses filmes. Não fiz pesquisa direta. A minha pesquisa foi com adolescentes e adultos que lembravam da sua proximidade com a água na infância. E como essa proximidade: os banhos de chuveiro, o nadar junto com os primos, o passar debaixo das pernas, o ensinar a mergulhar, o mergulho debaixo da água; tudo isso possibilitava transgressões. Porque com roupa, muitas vezes, você não tem coragem de chegar perto do outro. Mas a água ajuda essa transgressão. A água media essa transgressão.

No decorrer do Mestrado eu tive a possibilidade de prestar um concurso para o Departamento de Educação na (hoje) Universidade Federal de Lavras, que já estava recém-criada como Universidade, onde estou desde 1995, o que tem me possibilitado escrever projetos de extensão e de realizar pesquisas na área de gênero e sexualidade. Na formação de professores e professoras na região Sul de Minas atuamos bastante. Enfim, essa possibilidade de entrar no espaço da escola, como Vocês vão fazer agora, é muito desafiadora. Mas, ao mesmo tempo, saibam que essa é uma função da educação superior: estar lado a lado com as comunidades e quebrar a barreira dos mitos. Discutir o tema das sexualidades vai incitar mudanças. Veja, eu estava acabando de ler o jornal: de cada 100 partos, 15 são advindos de adolescentes; por exemplo, em Maringá-PR. As estatísticas falam alto. E não que queiramos entrar na escola só por conta dos problemas. Mas sim, entrar na escola porque é direito da criança produzir conhecimento. É direito da criança questionar. E no projeto que Vocês tiveram aprovação, como é séria essa questão da homossexualidade, da desinformação das pessoas. Muitas vezes as professoras consideram que, se o menino brincou de boneca, ele já é tachado de homossexual. Essa situação de tachar, de rotular é danosa. Assim, considero uma verdadeira festa conseguirmos sentar com as Secretarias de Educação, mostrando resultados de trabalhos, de forma que eles não tenham argumento para rejeitar propostas nessa direção da formação de educadores e educadoras na educação para as sexualidades.

Fale sobre situações de preconceito, caso tenham existido, no seu próprio ambiente de trabalho e entre seus/suas colegas da Universidade de Lavras. E como Você lida com isso.

Cláudia: Contra trabalho não tem argumento. É o que digo sempre. Por que conseguimos aprovar projetos? Porque estamos mostrando trabalho.

Porque temos publicação. Porque estamos atuando na extensão universitária. Então, não tem como não ter visibilidade, tanto na instituição quanto fora dela. Em Lavras também não é fácil. Não temos ainda nenhuma reitora. Foram só reitores. Vocês imaginem que advindo dessa tradição das Ciências Agrárias: Agronomia, Engenharia Florestal, o predomínio masculino é muito forte na instituição. Mas, perpassando as relações cotidianas os embates são de várias naturezas. Estou sendo processada pela instituição, porque eu disse “não” a uma disciplina para a qual um conselho superior me convocou, me mandou, me obrigou a ministrar. Só que essa disciplina já estava sendo ministrada por outro docente; havia dois meses e meio que essa disciplina estava acontecendo e eu não queria assumi-la no meio do caminho. Além disso, trata-se de uma outra área diferente daquela que produz o conhecimento. Eu disse que não.

Nessa arena política que é o nosso cotidiano, as lutas são essas. Quer dizer, ao mesmo tempo que o seu trabalho tem relevância, que ele tem possibilidades e consegue aprovações, outras formas de exercício do poder tentam boicotar, burlar, que é esse jogo do poder mesmo. E que estratégias elaboramos nas articulações com outras instituições e que integra Curitiba, que integra Florianópolis, que integra Lavras, e que compõe isso tudo num GT de uma ANPED, que tem uma força política, que articula com a SECAD⁹, que envia projeto para lá e é aprovado, para mostrarmos que a produção do conhecimento não é só na área das Agrárias e das Engenharias. E que a temática de gênero e sexualidade vai perpassar várias áreas, quer seja no laboratório X ou Y. E onde nós vamos começar a problematizar isso tudo? Desde os pequenininhos. Exemplo: eu estava numa creche, em que havia uma menininha de 2 anos e meio. Estávamos brincando com bonecas (havia também bonecas negras), justamente para eu perceber essa questão muito forte das relações de gênero desde a criança pequena. De repente, um menininho pegou uma boneca, e parecia estar adorando olhar para ela. Nisso, uma menininha disse: “Mas, você é um viadinho, hein!? Você já vai brincar de boneca!” Quer dizer: onde é possível localizar o exercício de poder? Nesse episódio, não era nem na voz da educadora. Mas era na daquela menininha da mesma idade que o garoto. Só que hoje em dia os homens trocam fraldas, cuidam das crianças, etc., mas ainda há essa concepção advinda da tradição burguesa, e etc. Enfim, as educadoras (que foi a intervenção feita) precisam discutir a situação com diversas perguntas às crianças, a exemplo de: mas por quê? Como? E o pai? O homem não cuida de filhos/as? Quer dizer: tem que ter essa intencionalidade para fazer as diferenças.

Essa intencionalidade demanda formação. Em Lavras, há três anos aprovamos no MEC¹⁰, através de edital veiculado pelo PROEXT (Extensão Universitária) um programa para formação continuada de professores e professoras. Propositamente atuamos junto com uma jornalista, para dar visibilidade na mídia. Mas dentro da própria instituição há tentativas de minimizar as ações desses projetos, embora não tenha como. De novo aquela idéia: contra trabalho não há argumento! Por exemplo, no ano passado, houve a escolha de uma docente da instituição para conferir o prêmio de extensão e o critério foi a apresentação de um memorial descritivo. Eu concorri com todas as áreas do conhecimento na UFLA. E ganhei o prêmio.

Parabéns!

Cláudia: Nossa! Isso significa luta de anos. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho, por exemplo, articulação com os Fóruns de Educação Infantil, que integram o MIEIB¹¹, na luta para a qualidade da educação infantil; há anos consecutivos uma aluna recebia bolsa extensão para essa finalidade: atuar junto ao Fórum Sul-Mineiro e Mineiro de Educação Infantil. Neste ano a bolsa foi negada com a alegação de que o projeto não é relevante. E ponto. Então, no cotidiano, em todos os lugares dessa arena política, temos que saber mexer as peças do “tabuleiro de xadrez”, estrategicamente. Meu pai já falava: “enquanto os cães ladram, a caravana passa”. Estamos nos fortalecendo muito institucionalmente, também com a possibilidade de interlocução das várias profissionais que estão produzindo conhecimento nessa área.

As crianças estão realmente necessitadas de sensibilidade, de sentir menos culpa, menos banalização. Por exemplo, fomos convidados por uma escola que estava fazendo 100 anos na cidade para expor as tendas num determinado espaço onde havia vários tipos de exposição. Em um dos cantos da tenda, colocamos charges com desenhos muito criativos sobre o uso da camisinha. É muito engraçado! Tinha criança que voltava 10 vezes, 15 vezes. Eu tive a pachorra de contar. Veja que a criança quer conhecer a camisinha. Quando eu perguntava: “O que você quer de novo aqui?” Ela respondia: “Nada, nada, nada!” Na hora em que eu me afastava, a criança ia de novo, mostrava para amigos, etc. Então, falei: “Você não precisa falar que não está fazendo nada! Vamos conversar! E a conversa foi deliciosa...” Sabe, essa coisa de achar que falar ainda é proibido, embora tais assuntos estejam escancarados na mídia, nos *out-doors*, de forma nem sempre adequada. Como se tudo isso fosse proibido. E as relações de gênero também. Meu Deus! Como há, ainda, essa idéia muito forte com os pequenininhos de que um tem que agarrar o outro, seja na educação infantil, seja no ensino fundamental. E quer seja menina com menino, ou menino com menina, por que o uso da violência, das tentativas de agarrar, de beijar a força? A resposta é que, de novo, a pedagogia cultural nos constitui. Mas o que essas crianças estão fazendo que elas poderiam fazer de uma forma diferente? Porque a sua linguagem podia ser de acolhimento ao outro, do brincar junto, do encostar, de saber sobre os órgãos sexuais, mas não, enfim, com violência e com submissão do corpinho do outro.

Temos acompanhado mudanças, com a academia colaborando para quebrar diversos tabus. Mesmo assim, ainda há muito trabalho a ser feito. Como Você vislumbra esse futuro próximo a partir das mudanças que já ocorreram?

Cláudia: Algumas professoras e algumas famílias estão fazendo este tipo de discussão. Ainda é muito pouco, mas por exemplo, já existem movimentos de adolescentes que passam por um processo de formação e se tornam multiplicadores dessas idéias levando-as para outros adolescentes. Portanto, tudo é conquista. E toda conquista tem avanços e retrocessos. Em relação a

academia considero um avanço termos conseguido implementar na ANPED (que também não foi fácil) o GT 23, apesar de várias pessoas acharem que não precisava haver um espaço específico, pois outros GTs direcionavam também a discussão para o viés de gênero. Porém, foi fundamental ter implementado este GT na ANPED. Foi fundamental ter convidado a equipe da SECAD para pensarmos ações conjuntas; têm sido fundamentais os editais que pautam a formação de educadoras e educadores, através do MEC, da SESU¹². Temos que agir politicamente para inserir estas disciplinas nas graduações; por exemplo, na Licenciatura em Química, na cidade de Lavras, onde atuo, na Licenciatura em Matemática e Educação Física, propositalmente, em quaisquer das disciplinas que ministre, trago a discussão das temáticas das sexualidades e do gênero. Mas essa intencionalidade tem que estar advinda das estruturas curriculares das universidades e da intencionalidade do/a professor/a de estar fazendo este tipo de discussão. Tenho alunos e alunas que dizem: “Nossa, eu era homofóbico/a e não sabia”. Temos que levantar esse “caldo” todo.

Agora, o que mais temos que fazer? Como atuar junto a adolescentes? Que prazeres eles e elas estão tendo na sua adolescência? Como está, não tem jeito nem de pensar em projeto de vida, muitas vezes. Não tem expectativa de o que é que farão no futuro. Então, muitas vezes, a pessoa age só pelo prazer imediato mesmo de uma relação sexual. É extremamente sério tudo isso. Tem que ter políticas públicas, mesmo. Acho que a nossa legislação já contempla a rede de proteção, por exemplo. Mas, a rede de proteção tem que funcionar. O Conselho dos Direitos não conversa com o Conselho da Educação, que não conversa com o Conselho de Saúde. Onde se muda isso? A criança e o adolescente são os mesmos. No entanto, um Conselho olha para um lado; o outro olha para o outro lado. E a criança continua lá com 11 anos de idade, que já é tida como adolescente, não sabendo o que ela quer do próprio corpo. Isso é que é a coisa mais séria. Que escolha é essa e que se inicia na educação infantil, em que as crianças são submetidas a ficar, muitas vezes, num bercinho, alimentadas todas ao mesmo tempo, e fazendo o seu xixi e cocô ao mesmo tempo. Quer dizer, ainda é um *taylorismo*¹³, um modelo de fábrica constituindo os corpinhos das crianças. Essa criança terá dificuldades em optar? Ela vai escolher? Enfim, uma complexidade de fatores.

Quando vocês têm aprovado um projeto para discutir a homossexualidade, vocês devem estar sentindo essa complexidade. Quantas outras discussões, quantos outros aspectos têm que ser considerados! Portanto, não dá para pensar só no tema “homossexualidade”. Ele está imbricado com gênero; está imbricado com a ampliação do conceito de sexualidade; com a construção histórica da sexualidade. Uma professora entrou numa tenda dessas que me referi anteriormente, onde há uns painéis sobre a Grécia Antiga. Ela dizia: “Nossa, não era pecado ser homossexual na Grécia?” Há que se explicar como era antes e como é agora. Há desconhecimento de muitos temas da sexualidade. E há impregnada na formação das pessoas o delírio classificatório do século XIX: “pode/não pode”; “normal/anormal”. É angustiante mas, ao mesmo tempo, desafiador, porque quando se mostra para as professoras que elas são capazes de criar, abre-se espaço para mudanças.

Coordeno uma equipe que desenvolve o projeto chamado *Os Direitos*

da Criança, dirigido a 14 cidades diferentes no Sul de Minas. Sugerimos que as professoras construíssem jogos. Um dos jogos, a professora construiu do seguinte modo: eram 24 alunos e alunas na sala; cada um fez o seu cartãozinho; e ela fez vários cartões e um dado. Nesses cartões constavam as informações: o que os homens usam e o que as mulheres usam. A menina tirava um número de cartão, e este dizia: "homem usa saia". Pronto! Imagine a discussão que gerou; um menino disse: "um homem não usa saia". Aí uma menina retrucou: "Ah, mas meu pai usou saia no Carnaval e ele é homem". Outro: "Então, seu pai é travesti!" Imaginem a discussão que ocorreu! A professora tem que ter toda uma formação para ela mediar essa discussão. Eles buscaram a saia dos escoceses; buscaram essa idéia do Carnaval mesmo, ou seja, só de fantasiar de saia será que vira mulher? É muito interessante o que se pode fazer, mas criativamente. A professora não deve ficar sentada e dizer: "agora vamos ter uma aula sobre homens e mulheres". É este o grande desafio! Há que se ir juntando experiências e escrevendo sobre essas experiências. Por exemplo, o filme do *Dumbo*. O nascimento do *Dumbo* gerou toda uma discussão sobre a cegonha, com uma turminha de 6 anos, utilizando-se também a música *De umbigo a umbiguinho*. Filmes, músicas... são infinitas as possibilidades de desencadear a fala da criança sobre gênero e sexualidade.

Esses processos lúdicos favorecem a expressão da sexualidade.

Cláudia: Exatamente. Porque fazem emergir toda essa fala da criança e essa criança escuta de tudo. Mas não tem a possibilidade de pensar sobre isso, porque a escola proíbe. E daí? A escola vai esperar para pensar sobre gênero e sexualidade somente na hora que já tem vida sexual ativa?

Porém, há muitas cidades no interior com professores/as com capacitação muito baixa. Nosso projeto¹⁴ já é uma tentativa de sensibilizar para estas questões da sexualidade, mas acho que falta algo na formação dos professores.

Cláudia: Não tenha dúvida. A questão é essa mesma. O foco deveria ser este. Porque ele/a não teve essa discussão toda na sua formação inicial e não teve numa graduação. E não é só o/a professor/a. Muitas vezes os psicólogos têm muito elementarmente algum tipo dessa discussão; enfim, nas várias áreas, como Ciências Sociais, Enfermagem, etc. Na UFLA, desenvolvemos um projeto junto com a Escola de Enfermagem. As alunas achavam um absurdo ver que na creche onde elas estavam estagiando, as pequenininhas de 3 anos punham um travesseirinho na barriga e falavam que estavam grávidas. Então, são mocinhas com essa concepção ainda hoje, e que serão as futuras enfermeiras que receberão nos postos de saúde meninas de 11 anos que muitas vezes desconhecem o próprio corpo. Vejam o quanto as dimensões estão imbricadas.

Uma vez dei entrevista ao vivo com um senhor da área do Direito e ele dizia: "Agora já tem menino de 6 anos que abusa das meninas". Um abusador

com 6 aninhos de idade. Que concepção é essa? Que multipliquem as publicações, programas de rádio e de TV, utilização dos nossos espaços de TV educativa, para que as pessoas problematizem gênero e sexualidade e possam desconstruir concepções deterministas. Essa é uma discussão que temos que continuar a fazer com a SECAD. Que sejam aprovados, sim, programas continuados de formação na área de gêneros e sexualidades. Temos que ter mais verba. Não temos só que concorrer a um edital e ter pontualmente a verba. Claro, é muito importante. Mas, é muito pouco pela demanda. Quando vemos que estamos fazendo a discussão com as pessoas e que a discussão é continuada, nossa! Elas amam! Porque elas mesmas têm infinitas dúvidas. E dizem: "Nossa, eu nunca tinha pensado nisso!" Acho que temos que investir maciçamente na formação de educadores/as.

É o ponto principal até. Porque eles/as estão tanto inseridos na escola com crianças, adolescentes e com jovens quanto na sociedade. Porque essa mesma professora que critica um menino porque ele está brincando com boneca, ela quer que o seu marido a ajude a cuidar dos filhos. Mas ela não está fazendo com que aquela criança ao ser estimulada até a brincar com bonecas possa desenvolver habilidades para, mais tarde, poder assumir a sua parte no cuidado dos filhos.

Cláudia: Sim. E como as situações vão se interligando! Tem muita ONG¹⁵ criando cada material interessantíssimo. Vocês conhecem *Minha vida de João*? É um filme que fomenta uma discussão muito boa. Cinco cadernos contendo sugestão de oficinas acompanham o filme. Ele subsidia bem o/a professor/a. Muitas vezes todo esse material não é do conhecimento do/a professor/a, que acha que ele/a tem que inventar tudo. Outra coisa: a saúde precisa estar junto com a educação. É muito séria essa história dos programas de saúde da família, por exemplo, para trabalhar de um lado; e educação, por outro.

Poderia falar mais um pouco sobre sua vida pessoal? Como Você lida para dar conta da vida no ambiente doméstico e profissional?

Cláudia: Tenho um casal de filhos. A menina tem 23 anos e o menino 29. Sou mineira. Nasci na cidade de Lavras, onde atuo hoje e já havia trabalhado nessa instituição quando eu tinha 18 anos, para pagar minha faculdade. Eu trabalhava o dia todo e à noite cursava Pedagogia na Faculdade de Filosofia. Depois me casei e me mudei. Sabe aquela história de abrir mão de emprego, depois de já ter uma autonomia financeira? Nossa! Foi muito triste. Fui para o interior de São Paulo, para acompanhar meu marido. Isso não foi suficiente. Ficar parada calava fundo! Fiquei três anos parada logo que casei. Um tempo depois, tive meu filho. Mas ficava pensando o que fazer para retomar as minhas atividades. E nesse meio tempo, ao pensar o que fazer, fui estudar música, história da música, estudar violão. Isso me ajudou a voltar para a Educação no viés da música, da musicalização infantil. A partir de então, não parei mais. Fiz

as Especializações e o Mestrado. E voltei para Lavras; não imaginava nunca que eu pudesse voltar para a minha terra natal.

O que Você estudou no intervalo entre sua graduação em 1974 e o Mestrado?

Cláudia: Meu filho nasceu em 1977. Em 1980 eu já voltei à ativa, fazendo cursos na área da educação infantil. Fiz Especializações *latu-senso*. Eu estudava muito, porque gostava, principalmente por conta da alfabetização à luz das idéias de Emilia Ferreiro¹⁶. Eu trabalhava em escola de educação infantil e ensino fundamental, o que me instigava a pensar sobre metodologias para o trabalho com as crianças, ou seja, se era possível a criança construir suas idéias sobre leitura e escrita. Como em Minas Gerais isso estava no auge, estudei muito sobre isso. Foi nesse momento que senti necessidade do Mestrado até para possibilitar a sistematizar esses conhecimentos. Foi quando a temática da sexualidade me cativou. Sempre tive muita mobilidade. Viajei sempre! Muito! Ninguém me segurava! Por isso, na nossa inserção na educação básica, na formação de professores e professoras na temática de gênero e sexualidade, as instituições tentam segurar; mas, por outro lado, também exercemos o nosso poder no sentido de construir uma outra verdade: focando o compromisso social das universidades. Enfim... sempre viajei bastante. Fui para Portugal fazer um estágio na área da educação infantil. E viajei por esse Brasil afora por conta da produção de conhecimento na leitura e escrita à luz das idéias de Emilia Ferreiro. Quando voltei para Lavras, fiz concurso nessa universidade não deu mais para ficar casada. Estava casada há 26 anos. E me separei, porque minha opção é essa mesma. Viajar, estudar cada vez mais, escrever, contribuindo em vários locais diferentes. O que está acontecendo entre hoje e amanhã em Lavras¹⁷, considero extremamente significativo, porque as equipes sob minha orientação estão sozinhas atuando, e estou eu aqui conhecendo outras possibilidades e outras pessoas.

Você participou ou acompanhou o movimento feminista no Brasil?

Cláudia: Não participei diretamente na época, e acompanhei muito de longe, porque eu estava com 15 anos de idade nos anos 60, época em que os estudantes foram se posicionando mais politicamente. Em 1964, no período da ditadura, eu estava no interior de Minas Gerais, onde as pessoas diziam: "Cuidado porque os comunistas comem criancinhas!" Eram essas as histórias. Mas, em 1968 comecei a namorar um rapaz – que fez muitíssima diferença em minha vida – cuja irmã morava em Araraquara - SP e estudava na UNESP¹⁸. Ele começou a me contar os episódios que estavam acontecendo. Só a partir daí é que fiquei ligada, mas não participando do movimento instituído.

Mas, no cotidiano da vida, tenho tentado fazer diferença, porque nas lutas nas instituições, tento desestabilizar as idéias construídas a partir da figura masculina. Sou advinda de uma família com quatro filhas. Meu pai era o maior

machão, também por não ter tido um homem como filho. Ele trabalhava na Rede Mineira de Viação, em Lavras, e seu chefe lhe dizia: “Quando as suas filhas casarem, o seu nome vai cair no esquecimento.” Foi por isso que optei por assumir meu nome “Ribeiro”, que era “Ribeiro Andrade”, na época que eu ainda era casada. Optei por usar o nome do meu pai, para seguir com esse nome para frente. Para mim é extremamente significativo voltar para Lavras porque meu bisavô foi o primeiro educador da cidade, por volta de 1876. Em 1910, ele estava em Lavras erguendo a primeira escola de magistério da cidade. Ele era negro. Ele começou a cursar Medicina na antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, e teve que parar no 2.º ano porque se apaixonou por uma branca. Por isso que minha pele é desse tom. Meu bisavô foi um grande batalhador. Estou levantando a história dele, porque ele andou muito pela região. Por exemplo, em 1910 ele já havia criado um colégio onde a co-educação era a meta e a tônica da instituição, antes até do Manifesto de 1930¹⁹, onde se lê que a co-educação era algo desejável. Portanto, ele já era de vanguarda nessa época. Assim, considerando que o pessoal é político, cotidianamente tentamos interferir, mostrando que as lutas são, nossa! de quanto tempo! Enfim, estamos nós hoje numa outra luta, na qual nos perguntamos que instrumentos e que ferramentas temos para que as pessoas mudem um pouco a concepção que elas têm de gênero e sexualidade? Ontem quando cheguei ao hotel, zapeando os canais, assisti a um trecho da novela *Paraíso Tropical* (Rede Globo) e vi cenas de um senhor (Antenor) que pegou a ex-mulher na cama com outro. O texto que ele dizia foi muito forte: “Eu posso, eu sou homem; ela não pode”. E o “outro” dizia para ele: “Mas, ela é sua ex-mulher!” E ele retrucava: “Mas, no papel ela ainda é minha mulher”. Quer dizer, ela se submeteu a ele sei lá durante quantos anos; a carreira dele deslanchou porque ela deu suporte a ele nesse sentido. Só que hoje, ela, mesmo já separada dele, se apaixonar por um “outro” não pode, embora ele pudesse tê-la traído durante o tempo todo. Portanto, nós estamos nessas relações minadas, indignas, em que o uso construtivo da liberdade muitas vezes não está presente. Nossa atuação é nesse sentido. Quando abraçamos projetos como este, seja nesta instituição, seja em Florianópolis, seja em Lavras, é para tentar mexer nesse “caldo”, que é muito perverso ainda.

Percebe-se no GeTec e agora com o atual projeto que está sendo desenvolvido em Matinhos-PR as dificuldades que as professoras que têm filhos estão enfrentando para viajar e ficar dois dias fora de casa. Algumas não estão conseguindo. As que são solteiras pegam suas malas e vão. Já as casadas precisam armar toda uma estrutura para conseguirem viajar.

Cláudia: Na UFLA, estamos à frente de um projeto de Formação de Educadoras e Educadores para a educação infantil a distância; são 200 profissionais de nove cidades diferentes no Sul de Minas. Pelo projeto, sabemos da existência desde marido que bebe e agride a esposa e a impede de estudar, até aquele que vai junto e cuida do neném, ajuda a fazer as sínteses que a profissional da educação precisa entregar de determinados capítulos. Sempre tive muita sorte nesse sentido, porque sempre tive pessoas que me apoiaram

e ficavam com meu filho e minha filha nos momentos que eu saía de casa. Isso me ajudou. Mas, não é fácil, porque tem a idéia de que a mamãe está saindo e está abandonando o/a filho/a. Isso ainda é muito presente. Esse mito do amor materno também é muito complicado; demanda questionamentos. Então, um curso desse, que é tão prazeroso, que vai acontecer com técnicas participativas, que vai fazer com que a mulher olhe para si mesma e, ao olhar para si mesma, vai descobrir uma força que achava que não tinha e ela vai questionar o que ocorre nesse lar e vocês serão “culpadas”!

Aliás, há toda uma geração pós Beth Friedam que a acusaram severamente de ter questionado situações consideradas boas para as mulheres.

Cláudia: Exatamente. Mas, é desafiador. O olhar é o da complexidade mesmo. Você alcança essa mulher que tem que ficar dois dias fora e você gera reflexões sobre mil outras questões que são instigantes. Tem gente que acolhe; famílias que acolhem; tem irmã que acolhe a filha dessa mulher; tem uma que tem filhinha e que não mora com o companheiro. E acolhe sem cobrar. Muitas vezes acolheram meu filho e minha filhas, mas, algumas vezes cobrando e justificando: “Olha, você está vendo que está dando trabalho.” E haja processo terapêutico para haver uma saúde mental para mostrar que a mamãe não estava abandonando o/a filho/a. Mas agora eu estou nessa situação: faço minha mala e vou para onde eu quiser. Só tenho que dar satisfação para a própria universidade.

Qual é a situação de seus filhos? Você tem netos?

Cláudia: Não tenho netos. Meu filho hoje está morando em Roraima, Boa Vista. É casado com uma pessoa maravilhosa a quem eu respeito e admiro muito. Levei muito susto quando ele optou por fazer Academia Militar das Agulhas Negras; não tem ninguém na minha família que tenha seguido essa carreira. Apesar da minha surpresa, fiquei também redimensionando as idéias que eu tinha dos idos de 1964, dos DOI-CODI²⁰, da ditadura militar. Mas dá para perceber o quanto as instituições tais como esta dos militares precisam também de pessoas de cabeça aberta para ajudar a fazer a diferença em relação ao que está estabelecido. Isso tudo me fez redimensionar o que significa pensar o exército hoje. E, minha filha faz Educação Física na UNICAMP. Ambos, filho e filha são pessoas companheiras, amigas, interlocutoras e parceiras nas trilhas da vida!

Tem alguma pergunta que não fizemos, mas que você gostaria de responder?

Cláudia: Não. Eu estou me sentindo tão acolhida! Estou aqui conversando e saboreando falar da minha história.

Talvez também porque a nossa própria história de vida tenha a ver com nossas escolhas de temas.

Cláudia: Sim, exatamente. E como venho descobrindo muita coisa por conta de agora pesquisar a história do meu bisavô! Esta situação está muito forte, porque a vida traz tanta surpresa. Para a Licenciatura em Educação Infantil a distância, nós firmamos um convênio com uma das prefeituras da região, a cidade de Santana do Jacaré. Conversando com o prefeito e com a secretária da educação local, por um puro e extremo acaso, em um dos momentos falei o nome do meu bisavô. E me disseram que meu bisavô é “a figura” naquela cidade. Eu não sabia que ele tinha morado em Santana do Jacaré. Ele foi escritor de paz e fundou um jornal na cidade. Então, essa foi uma das cidades por onde ele andou. As escolas locais estudam o nome dele. O convênio foi totalmente por outras razões. Essa coisa das histórias, do porque você está interferindo numa área e não em outra, é interessante. Por que atualmente estou com um processo na minha instituição? Porque para eles, falar de infância, não é importante e relevante. Mas é! Infância, juventude, sexualidade, são temas que vão se imbricando. A problematização de gênero tal como estamos discutindo hoje está extremamente enriquecedora; os referenciais nos ajudam a pensar nessas contradições todas. Então, considero que temos muito que fazer.

Sabemos que você estará discutindo o filme *Menina má.com*, em parceria com Jane Felipe no Rio Grande do Sul em meados do segundo semestre de 2007. Esse filme é um dos selecionados para discussão no projeto desenvolvido em Matinhos-PR, no último módulo que fala sobre gênero, diversidade sexual e mídia.

Cláudia: Sim, a semiótica nesse filme é muito forte. Convida a pensar a imagem da *Chapeuzinho Vermelho*. Passar o filme e possibilitar que as pessoas falem, discutam é o grande segredo. Porque às vezes a pessoa traz alguma elaboração que fez sobre o filme que é só dela. Porém, outras pessoas de outros grupos podem trazer outras elaborações. Este filme traz subsídios às pessoas para discutir, por exemplo, a construção histórica que infantiliza a criança, que não espera que, por exemplo, uma menina de 11 anos já esteja grávida. Porque temos essa tendência à universalização. Hoje estamos sendo desafiados a cada vez mais olhar para a diversidade, para as diferenças, para ficarmos navegando entre essas fronteiras. Então, pensando no filme *Menina má.com* a concepção que temos é a de que uma menina é sempre inocente e

inofensiva. Já o homem é o pedófilo e é o agressor. O que o filme traz é interessante para impactar e para desconstruir essas concepções. No nosso livro questiona-se a idéia de que criança não tem voz. Que voz é a dessa criança? Que possibilidades a tecnologia hoje está contribuindo para as crianças irem além do que foi previsto para elas? No início da entrevista falei que era estudiosa de Piaget; sua contribuição foi excelente mas determinista, previsível, do vir-a-ser. Hoje estamos sendo chamados para os porvires. Que porvir é esse que eu ainda não tenho uma imagem? E ainda bem que não, porque o convite é para quebrar a imagem pronta. Esse filme *Menina má.com* gera inúmeras discussões. É forte!

O que é forte é não esperarmos nunca que uma menina seja transgressora. Importante também essa desconstrução.

Cláudia: Uma das problematizações é justamente esta: a menina está repetindo o padrão de ter que usar o outro? Isso é muito complicado nas relações hoje em dia. Enfim, a menina muitas vezes vai usar o corpinho do menino porque ela está sendo incitada a isso como o homem que tinha que ser machão, etc. para usar o corpinho da menina? O que as pessoas estão fazendo com o erotismo, com o prazer, com a alegria, com a ludicidade, com o olho-no-olho, com o carinho? Acho que é essa a tônica do nosso trabalho. E tem que levar mesmo esses filmes que impactam. Mas, pergunta-se: o filme *Menina má.com* deveria ser o primeiro a ser passado, no início de um processo de formação de educadores e educadoras?

A questão de impactar está sendo revista por conta de situações que direcionam às religiões do público-alvo.

Cláudia: Mas, veja que isso dá para se fazer num momento posterior, quando as pessoas estiverem conquistadas, quando houver esse espaço de confiança. Mesmo o filme *Minha vida em cor-de-rosa* é forte para elas/eles. É forte no sentido de fazer pensar uma série de coisas. Existe uma grande preocupação sobre o que acontece para as pessoas serem homossexuais. A preocupação é muito grande ao se pensar: "o que eu, toda poderosa, tenho que fazer para impedir que ele não seja um homossexual? Onde foi que errei?" Então, *Minha vida em cor-de-rosa* possibilita trazer várias facetas como, por exemplo, a história da mãe, que é autoritária; o pai, que é subserviente ao patrão; tudo para passar a mensagem que não é nada disso. É um filme que, nossa! quantos já choraram quando assistiram esse filme! O nosso desafio também é: "o que eu faço metodologicamente para dar uma sacudida nesse povo?" Em Minas estamos oferecendo dois cursos; o do primeiro semestre optamos por oferecer as tendas, nas quais usamos uma infinidade de temas a serem discutidos e todos inter-relacionados. Será que dá para se discutir tudo? Não e não!

O curso também não é só para professores/as, mas sim para profissionais da educação em geral, a exemplo de merendeiras, zeladoras, inspetores/as, seguranças, diretores/as. Desde o início se comentou que talvez houvesse pessoas analfabetas a fazerem o curso. Os/As participantes serão diversificados/as. Mas, há um outro lado, que é o da riqueza desses encontros com essa diversidade, porque os/as profissionais que estão no pátio das escolas observam outros momentos das crianças que não a sala de aula; portanto, são olhares diferentes daqueles dos/as professores/as.

Cláudia: Sim, claro. Não é fácil. Não é mesmo fácil. Estamos a pôr – a imagem parece do senso comum – mas é a que mais eu uso: a mão no vespeiro! Porque se desencadeia algo, e não se sabe o que vai vir ou não dali. Não tem como culpabilizar o outro, no sentido de dizer: “Eu estava tão quietinha e veio alguém e mexeu nisso tudo!” Só que estamos “mexendo”, “agitando” pelo compromisso que temos com as crianças e adolescentes. E não adianta só fazer pontualmente. É um trabalho amplo que abrange e integra crianças; além dos pais numa passeata, numa feira, etc. O desafio é a formação de educadores e educadoras, criar e inventar! Temos muito a escrever desta história!

Muito obrigada.

Cláudia: Nossa, eu que agradeço. Gratidão pelo convite! Pela acolhida! Pela interlocução! Pela possibilidade de falar da minha história!

-
- ¹ Preâmbulo e entrevista elaborada por Cristina Tavares da Costa Rocha. Outubro de 2007/Primavera de 2007. As notas de rodapé são de responsabilidade das entrevistadoras.
 - ² Nem mesmo a chuva que insistiu em ser companhia de viagem para Cláudia e Lindamir pela Serra da Gramma foi capaz de tirar o sorriso de seu rosto.
 - ³ O GT-23 refere-se ao Grupo de Trabalho 23, que integra a Reunião Anual da ANPED. O encontro de Cláudia com as pesquisadoras Lindamir Salette Casagrande e Marília Gomes de Carvalho ocorreu durante as reuniões anuais de 2005 e 2006, respectivamente, ocorridas em Caxambu - MG.
 - ⁴ *A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
 - ⁵ Cláudia mostra desenhos feitos pelas crianças e que constam de seu livro intitulado *A fala da criança sobre sexualidade humana. o dito, o explícito e o oculto*.
 - ⁶ Cláudia mostra outro desenho.
 - ⁷ Cláudia se refere ao livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, organizado por Guacira Lopes Louro e publicado pela editora Autêntica em 1999.
 - ⁸ Cláudia Ribeiro refere-se ao livro Camargo, Ana Maria Facioli e Ribeiro, Cláudia. *Sexualidade(s) e Infância(s) - A sexualidade como um tema transversal*. Campinas: Unicamp/Moderna.
 - ⁹ SECAD = sigla da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do MEC.
 - ¹⁰ MEC = sigla do Ministério da Educação.
 - ¹¹ MIEIB = sigla do Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil.
 - ¹² SESu = sigla da Secretaria de Educação Superior do MEC.
 - ¹³ Taylorismo refere-se a um sistema de organização do trabalho, criado por Taylor, e que pretende obter, com a maior economia de tempo e de esforço, o máximo em produção e rendimento (King Host Dicionário da Língua Portuguesa). Disponível em: <<http://www.kinghost.com.br/dicionario/taylorismo.html>> Acesso em 02 set 2007. Ver também a obra de Luzia Margareth RAGO; Eduardo F.P. MOREIRA, *O que é Taylorismo*. São Paulo: Brasiliense.

- ¹⁴ As entrevistadoras, pesquisadoras do GeTec-UTFPR, referem-se ao projeto "Refletindo gênero na escola: a importância de repensar conceitos e preconceitos", aprovado pelo MEC/SECAD, que objetiva sensibilizar profissionais da educação para reflexões sobre gênero e diversidade sexual na sociedade em geral e na escola, em particular, a fim de que promovam uma educação democrática e inclusiva, sem preconceitos nem discriminações.
- ¹⁵ ONG = Organização Não-Governamental.
- ¹⁶ Emilia Ferreiro foi psicolingüista e pesquisadora argentina, radicada no México. Fez seu doutorado em Genebra, sob orientação de Jean Piaget. Ela revolucionou os métodos de alfabetização, ao ser crítica ferrenha da cartilha e defender que a criança, mesmo analfabeta, deve ter contacto com diversos tipos de escrita. Escreveu o livro *Psicogênese da língua escrita*, em parceria com Ana Teberosky. É professora do Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, do México. Emilia está à frente do site <www.chicosyescritores.org>, onde estudantes escrevem em parceria com autores renomados e publicam os próprios textos.
- ¹⁷ Nesses dias estava ocorrendo o evento referente ao Dia 18 de Maio – Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.
- ¹⁸ UNESP = Universidade do Estado de São Paulo.
- ¹⁹ "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação. Para maiores informações, acesse o site <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>.
- ²⁰ DOI-CODI = Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna. Órgão repressivo do regime ditatorial brasileiro inaugurado em 1964 com a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI).